

BRASÍLIA

Maria Duarte estuda Educação pela Arte numa Cidade Nova



Maria de Souza Duarte estudou Brasília durante anos, na busca da compreensão de sua trajetória cultural

CB revista

“Eu acho que este trabalho só tem sentido se for discutido pelas pessoas da cidade. Não interessa se as pessoas vão concordar, discordar ou xingar. O importante é que participem”. É desta maneira que Maria de Souza Duarte deseja que a sua tese **Educação Pela Arte Numa Cidade Nova - o caso Brasília** (defendida na UnB, semana passada) seja recebida, ultrapassando os limites do circuito acadêmico universitário. “Este trabalho é de Brasília, e de todos os que, na cidade, tentam manter acesa a chama.”

O trabalho de Maria Duarte tem como objetivo entender Brasília através do seu sistema educacional compreendido aqui em sentido amplo. “Acho que esta é uma maneira válida de entender Brasília, na medida em que as relações entre arte e sociedade refletem a cidade de alguma maneira”, explica Maria.

A tese de Maria Duarte é resultado de um envolvimento de mais de 20 anos com arte/educação e de uma exaustiva pesquisa sobre a história da cultura em Brasília, tendo como fontes 115 personagens desta história e uma vasta documentação. Estes depoimentos foram gravados pela Fundação Pró-Memória e estarão à disposição dos interessados.

O envolvimento de Maria Duarte com cultura começa no Rio, lá pelo final dos anos 50, quando participava do movimento estudantil. Depois, ela trabalhou no Sesc viajando por todo o país. No começo dos anos 70, chega a Brasília para atuar no Sesc, onde desenvolveu um trabalho de verdadeira abertura cultural (de espaços e de idéias) reconhecido por todos os que lidam com cultura na cidade. Ela foi transferida compulsoriamente pela atual direção do Sesc para o Rio de Janeiro e mantém-se em Brasília por liminar concedida pela 84.ª Junta de Conciliação. O Sesc impede inclusive o seu acesso no Edifício onde trabalhou por onze anos.

Formação: Curso de Serviço Social - PUC/Rio de Janeiro (1961), Pós-Graduação em Planejamento Educacional - Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro - 1970, Especialização em Animação Cultural - França - 1976.

CB - O que você pretende com este trabalho?

R - O objetivo fundamental é tentar entender Brasília através do seu “sistema educacional”, entendido aqui de uma forma ampla. Acho que está faltando este tipo de conhecimento por parte das pessoas que lidam com atividades culturais na cidade. Brasília é mais questionada do que qualquer outra cidade brasileira. Isto é bom; só que, muitas vezes, estes questionamentos são feitos em cima de chavões. Eu quero abrir a discussão em cima do prisma do sistema educacional. Não tem nada de conclusivo, é só uma proposta de entender Brasília. Acho que esta relação entre arte, sociedade e educação reflete as contradições da cidade.

CB - Em que medida tudo isto reflete a cidade?

R - Para se entender isto, a gente tem de se ligar às origens da cidade. Era um “vazio” cultural na medida em que sua população era formada por migrantes das mais diversas regiões do país, com ligações pequenas com a terra e entre si mesma, estranhando o novo espaço urbano. As pessoas estavam muito ligadas ainda a seus lugares de origem. Alguma coisa tinha de integrar as pessoas. Esta alguma coisa seria o sistema educacional e a arte, que assumiriam um peso muito grande dentro deste processo. As minhas hipóteses são estas: Em primeiro lugar, os planos de educação e cultura eram coerentes com a linha da educação brasileira da época, que questionava toda uma tradição educacional ligada ao modelo dos jesuítas e dos americanos, se voltando para uma tentativa de articular educação com o contexto sócio-político do país, na época. Em segundo lugar, es-

tas propostas eram coerentes com as condições em que se faziam a cidade; daí a necessidade do sistema educacional como fator de integração, quer dizer, uma forma de colocar o habitante da cidade como cidadão de Brasília - aquele que constrói a sua cidade e seu país. A hipótese é de que o sistema educacional era (e é) fundamental nesta cidade.

CB - Qual era a proposta inicial deste “Sistema educacional” de Brasília?

R - Basicamente, havia um plano formulado sob a inspiração de Anísio Teixeira para a Fundação Educacional, o plano do Darcy Ribeiro (também sob a inspiração de Anísio) para a UnB e o projeto de Ferreira Gullar para a Fundação Cultural. As atividades da Fundação Educacional propunham uma série de atividades artísticas e recreativas para as crianças em “Escolas-Parques” e Bibliotecas. A escola seria um fator de fundamental importância na formação das crianças - elas ficariam na escola de manhã e à tarde. A nível do ensino universitário, havia a proposta revolucionária da UnB, em termos de educação no Brasil. A Fundação Cultural foi das primeiras fundações do Brasil; parece-me que antes dela só houve uma outra em São Paulo, no tempo de Mário de Andrade. Na perspectiva de Ferreira Gullar, seu primeiro diretor-executivo, a Fundação deveria criar condições para que em Brasília pudesse surgir uma síntese da cultura nacional, através da junção de elementos da diversidade nacional, reunidos em Brasília. Eu penso que se estas coisas pudessem ter continuidade, a condição cultural de Brasília seria diferente: a cidade teria um público participante, melhores meios de produção e uma difusão não tão exclusivamente dependente dos meios de comunicação de massa.

CB - Qual o desdobramento destas experiências?

R - Elas começam coerentes com as propostas iniciais. Mas já em 61/62, tempo do Jânio Quadros, a cidade passa por uma crise muito grande. Há um certo esvaziamento da euforia do período de inauguração de Juscelino. Entretanto, as coisas continuam em processo. Depois vem o período 61/62/63, com Jango, um tempo muito contraditório. E, devido aos problemas sócio-econômicos do país (a seca no Nordeste, etc) Brasília estoura, o planejamento vai pros ares. Os recursos são insuficientes para atender à população migrante. Ai são os problemas do país mesmo que interferem no processo da cidade. O plano previa uma Escola-Parque para cada quatro Escolas-Classe. Faltam recursos para manter o ritmo de construção de escolas e de contratação de professores. A partir do final de 62, as crianças não podem mais ficar o tempo todo na escola. A Fundação Cultural tem um esvaziamento muito mais em termos administrativos do que por outros fatores. Sai Gullar e ninguém segura as pontas do seu projeto. Eu acho que, nestes primeiros tempos, o problema da Fundação foi muito mais de competência mesmo. Somente a UnB consegue segurar as pontas do plano por uma causa fundamental: o caráter seletivo da matrícula na UnB pelo próprio exame vestibular. Por isso, a UnB consegue ter uma função muito importante na cidade através do ICA - Instituto Central de Artes e dos cursos de extensão cultural. Eu acho que isto confirma a minha hipótese de que o sistema educacional é importantíssimo numa cidade como Brasília. Claro, a UnB teve um papel importante porque teve recursos para trazer os melhores cérebros da época no Brasil: Paulo Emilio, Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Cláudio Santoro, Rogério Duprat, entre outros.

CB - Que atividades eram desenvolvidas nos cursos de extensão?

R - A frequência aos cursos de extensão eram maiores do que a dos cursos curriculares. A Universidade era muito ligada à cidade. O programa de extensão oferecia desde cursos de astrofísica até cursos de carpintaria, passando pelo cinema e pela música. O pessoal da música utilizava o rádio e a televisão de Brasília. Se a gente pode fazer uma crítica à UnB desta época é no sentido de que ela não tem um comprometimento muito grande com a cultura popular. Se voltava para uma cultura um pouco mais sofisticada.

CB - Como se dá a passagem deste processo com o corte de 64?

R - A partir daí existe toda uma onda de repressão em cima do movimento estudantil, já conhecida: Em 65, a Universidade entra em crise: 15 professores são demitidos e

em solidariedade a estes 15, outros 200 pedem demissão. Como naquela altura a UnB era um ponto-chave a evasão de duzentos professores provocou um sério baque no processo cultural da cidade. Eu acho que - ressaltando este aspecto de solidariedade - do ponto de vista cultural esta demissão em massa representou um corte violento no processo da cidade. Balançou a Universidade, um ponto-chave, balançou, portanto, a cidade. A cidade viveu anos muito ruins, a partir daí. Até 65, todas as iniciativas na área da cultura são governamentais, mas com um certo jogo de cintura. A partir daí, a coisa se complica.

CB - O que ficou desta época?

R - Ficou o Ciem - Centro Integrado de Ensino Médio - uma experiência questionável sob o ponto de vista da restri-

ção de oportunidades a certa faixa da população, mas de qualquer forma uma experiência muito importante no campo da educação. Em 70, ela é cortada. Existiam também o Clube de Cinema - iniciativa de pessoas da comunidade, as experiências do Sesi em Taguatinga e algumas tentativas esparsas, na UnB, no sentido de manter o ICA. Em 68, a UnB passava por nova crise. Em 69/70, a experiência do Ciem termina, o clube de cinema não pode continuar, são interrompidas também as experiências do Sesi. Ai há um corte muito sério, pois estas experiências eram, de certa forma, uma tentativa de retomar as propostas iniciais da cidade.

CB - Os motivos reais dos cortes em experiências culturais de Brasília sempre são mascarados. Qual o motivo real destes cortes?

R - O relato de pessoas que

participaram destas experiências nos mostra que o motivo dos cortes era política, embora os motivos alegados fossem os mais variados. O Ciem acabou porque a UnB alegava que era oneroso. De fato era. Mas se era oneroso, por que não se diminuam as despesas, por que não se reestruturava o projeto em função de outra realidade? O Clube de Cinema acabou porque era difícil o relacionamento com a Fundação Cultural, que criava uma série de empecilhos. A experiência do Sesi foi interrompida porque a peça “Morte e Vida Severina” foi montada com grande sucesso, e aquele tipo de trabalho incomodava. Então o Sesi sofreu intervenção alegadamente por motivos administrativos. O ICA não conseguiu se reestruturar porque se considerou que vincular artes com todas as áreas não era conveniente, pois quem lida com arte é propenso a questionar, a exigir mais liberdade. Então a proposta do ICA era incômoda.

CB - Depois disto, não houve mais tentativa de retomada deste processo?

R - As pessoas que saíram do Ciem fizeram a experiência do Pré-Universitário. No Pré, os alunos tinham uma série de opções em termos das chamadas atividades extracurriculares, oferecendo oportunidade de se trabalhar em 16 oficinas e promovendo atividades culturais de grande porte. O Pré consegue, nesta época, um grande sucesso financeiro. Atende a uma elite, mas aproveita a oportunidade para fazer um bom trabalho. Mas a experiência é interrompida devido a problemas administrativos e ao fato de que o seu currículo não é aprovado pelo Conselho de Educação do Distrito Federal. Enquanto isto, o Colégio Objetivo de São Paulo - que tem uma proposta tradicional de preparar as pessoas para o vestibular - obteve facilidades para se implantar em Brasília. Na UnB, continuam as tentativas de retomar este processo, principalmente através do curso de Cinema, com os cineastas Vladimir Carvalho e Geraldo Sobral. Acontece que, a partir de 68, a UnB vai se divorciando da cidade e não houve mais nenhuma iniciativa, a nível institucional, que assumisse a cidade. As pessoas seguem brigando em grupos ou individualmente, mas sem um peso muito grande. Em 74/75 começa também um movimento teatral vinculado à política de incentivo estatal. A bola vai passando de um para outro. Nesta época, a Fundação passa a ter assessores ligados à cidade como é o caso de João Antônio (Teatro) e Marco Antônio Guimarães (Cinema). A posição de pessoas começa a ser importante na cidade. Em 75/76 surge o Sesc da 913 e nos anos de 78/79 ele surge realmente com um certo peso. Eu considero muito importante a atuação de Vladimir Murtinho à frente da Secretaria de Educação e Cultura, neste período difícil da cidade, meio negro em termos políticos. Ele cria o Departamento de Cultura da SEC e o Centro de Criatividade.

CB - Qual a característica básica de todas estas experiências? Em que medida este sistema educacional pode efetivamente servir aos interesses da cidade?

R - A característica básica destas experiências é a descontinuidade, nenhuma passa de quatro anos. A única exceção é a Escola de Música de Brasília. Mas eu acho que agora há um anseio de revisão neste tipo de modelo do sistema educacional. Este engajamento do sistema educacional com a visão profissionalizante começa a ser revisto e questionado. Eu acho que o fato de haver mais liberdade de expressão possibilita que se retome as idéias. É este o momento de retomada.

CB - Em que medida Brasília é uma cidade específica em termos culturais?

R - Ao nível do público, o consumo não está de modo algum relacionado com a ren-

da ou o grau de escolaridade. Brasília (o Plano Piloto especificamente) tem um nível de renda alto e tem um público muito menor do que o do Rio e de São Paulo. Talvez entre nisto, algumas características de classe média, predominante em Brasília; as pessoas estão muito mais preocupadas em defender o seu quinhão do que em qualquer tipo de participação vinculada ao prazer, e à cordialidade. Por outro lado, ao nível da produção, Brasília não tem um comércio local muito forte, não oficial. Além disso, é importante lembrar que a cidade se consolida numa fase muito especial da vida brasileira e como sede do poder ela traduz isto. Em Brasília, o poder oficial tem quase que o monopólio dos espaços para manifestações culturais.

CB - Mas qual é a especificidade mais importante de Brasília nesta perspectiva?

R - É o aspecto da difusão: a cidade se consolida numa fase em que os meios de comunicação de massa assumem um poder enorme. Se você chega em Manaus, pode ter uma reação, porque a cidade já tem muitos referenciais históricos/culturais. Mas, numa cidade como Brasília, estamos numa situação nova e o poder de resistência é muito menor. Já existem mil estudos demonstrando como os meios mudam a vida das pessoas. Há um risco e uma responsabilidade enorme na mão dos meios de comunicação na formação de Brasília.

CB - Um ex-assessor da Fundação Cultural disse que havia uma ordem (meio subjetiva) do ex-Ministro da Educação, Ney Braga, no sentido de que Brasília era uma cidade que precisava ser desaquecida constantemente. Você não acha que a chamada “Abertura” obriga o sistema educacional a assumir outro discurso mas com a mesma política de controle em Brasília?

R - A Abertura não significa que a política oficial de cultura se transforme. Agora, existe pelo menos a possibilidade das pessoas retomarem as coisas com liberdade de expressão.

CB - Só existe democracia se houver democracia da produção. Não é por isto que todas as iniciativas da comunidade em Brasília ficam muito no plano discursivo?

R - Fica toda discursiva porque esta produção depende sempre do poder oficial. Mas pra mim, o dado novo é que já existem certas condições de se pressionar. Qualquer perspectiva vai depender fundamentalmente das pessoas. As pessoas são fundamentais na história de Brasília.

CB - O seu trabalho enfatiza os projetos originais do sistema educacional deixando para um segundo plano as contradições históricas de Brasília. Tem gente que diz que Brasília já foi um “pacote” desde o seu início. O que você acha?

R - Eu concordo quando se coloca que Brasília como cidade do poder nunca poderá democratizar os meios de produção. O próprio ICA impunha um arbitrário cultural a uma população mais carente. Agora, eu acho que havendo liberdade de expressão isto pode ser questionado. Não vejo a coisa em termos fatídicos, em termo de “pacote”. Realmente, a formação de Brasília é marcada pelas contradições do país: valoriza-se o popular, mas o arbitrário cultural também é valorizado; garantia-se a livre expressão, mas era reforçada a dependência econômica.

CB - Se não existe acesso aos meios de produção, que poder vai se contrapor ao poder oficial em Brasília?

R - Não existe um poder pronto que vai se contrapor ao poder oficial. O que existe são certas linhas de pressão, certas formas de organização da sociedade, uma representação política efetiva, a discussão de novas idéias, o conhecimento da história e das contradições da cidade. Eu não sei qual a saída, mas acho que juntas as pessoas podem descobrir.

Severino Francisco